



Aquidauana – MS – MS, 20 de agosto de 2024

À

Ilma. Sra. Vereadora Lidiane Farias de Souza  
Câmara Municipal de Rio Verde de MT – MS

Assunto: Solicitação de Registro da Faixa Paraguaia / Faixa Pantaneira como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural.

Prezada Senhora,

Por meio desta, venho solicitar o encaminhamento de registro da Faixa Paraguaia / Faixa Pantaneira como Patrimônio Cultural Imaterial de Rio Verde de Mato Grosso, conforme estabelece a Lei nº 1.326, de 12 de julho de 2022, que dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural do município.

A Faixa Pantaneira, assim como a Faixa Paraguaia, representa uma expressão cultural significativa para a nossa comunidade, sendo um símbolo de identidade e tradição. O registro desse patrimônio contribuirá para a preservação e valorização das práticas artesanais e culturais associadas a essas faixas, fortalecendo a memória e o legado cultural do município.

Gostaria de destacar a importância desse registro para a continuidade das tradições, o reconhecimento das artesãs locais e a promoção da cultura pantaneira, que é parte integrante do nosso patrimônio imaterial.

Anexo a esta solicitação, segue a documentação pertinente para análise, incluindo a descrição detalhada das faixas, suas origens, o processo artesanal envolvido na sua confecção, e o impacto cultural na comunidade.

Aguardo um retorno positivo e estou à disposição para fornecer mais informações, caso necessário.

Atenciosamente,

Claudia de Medeiros  
Coordenadora do Ponto de Cultura Sapiçuá Pantaneiro.  
Rua João Graça s/ n. Aquidauana MS  
67.999128920



ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL  
CÂMARA MUNICIPAL DE RIO VERDE DE MATO GROSSO  
PLENÁRIO DAS DELIBERAÇÕES

PROT OCOLO

DISCRIMINAÇÃO

**REQUERIMENTO Nº 069/2024.**

**AUTORA: VEREADORA Lidiane Farias de Souza**

**SUBSCREVEM:** : Ildeslane Dimeira Rosa Reis, Cleisymaira Paes de S. Milléo José Odorico de O. Almeida, Emerson Alves Flores, Amauri Olartechea, Carlos da Rocha Pontes, José Alves Pimenta Neto, Joanes Pimentel Vieira, Flavio Roberto Alves de Brito

A Vereadora que a este subscreve, com assento nesta Casa Legislativa, amparada no artigo 159 e Art. 160 do Regimento Interno e demais disposições legais, considerando o Festival da Cultura Pantaneira, **REQUER** ao Exmo. Senhor Prefeito Réus Antonio Fornari, através da **Superintendência Municipal de Cultura**, que seja realizado o Registro da Faixa Pantaneira como *Patrimônio Cultural Imaterial de Rio Verde de Mato Grosso*, conforme prevê o Capítulo III da lei municipal 1.325 de 12 de junho de 2022, que dispõe sobre a Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do município.

**JUSTIFICATIVA**

O Município de Rio Verde é tradicional produtor pecuário e um dos berços da cultura pantaneira, expressão cultural que se reflete nos costumes da nossa população. Já há alguns anos o município tem empreendido ações de valorização e reconhecimento dessa cultura como identidade forte de parte da sua população.

**1 .Traçando um panorama Histórico e Cultural.**

**1.1 A influência da Faixa Paraguaia nos países platinos**

Embora reconheçamos que a Faixa seja um artefato utilizado por outros povos, incluindo europeus, a presente pesquisa realizou a análise de suas origens a partir da relação entre Brasil e Paraguai em meados do século XIX. Ou seja, parte-se do século XIX para analisar as origens da Faixa Paraguaia, seu uso e apropriações no antigo sul de Mato Grosso – atual Estado de Mato Grosso do Sul especialmente no bioma Pantanal.

Nos países platinos – Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai – que formam a Bacia Hidrográfica do Rio da Prata, nota-se o uso da Faixa. no Brasil especialmente no



pantanal é chamada até pouco tempo a faixa é apenas denominada como Faixa Paraguaia com decorrer da difusão feita pelo Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro e partir da apropriação da Faixa passa, atualmente, também ser chamada de Faixa Pantaneira.

De acordo com Brand (2010), em A história das fronteiras Guarani, na província de MT (1749-1910): No século XVI, os Guarani e populações falantes do idioma guarani ocupavam um amplo território nas terras baixas da América do Sul, que ia desde o litoral de Santa Catarina, ao longo dos rios Paraguai, Paraná, Apa, Miranda e Pilcomayo, chegando até as franjas da Cordilheira dos Andes. (BRAND, 2010, p. 107). O território sul-americano foi ocupado por diferentes etnias indígenas e, no nosso caso, os Guarani se destacaram na produção do algodão nativo utilizando massivamente os recursos naturais.

A esse respeito, no Paraguai, Brito, em seu texto Paraguai, Desenvolvimento e Indústria Maquiladora de Exportação, afirmou que: existia ainda uma rudimentar, mas autossuficiente indústria têxtil, baseada no cultivo interno do algodão. Esta atendia a uma população de 600.000 paraguaios. Tais eram as condições de vida do Paraguai no século XIX, que: no conocían la pobreza, ni el servilismo, ni la esclavitud, ni el 'pongo', ni la 'mita'" (BRITO, 2017, p. 7 Apud RAMOS, 1968, p. 258). Com isso, notamos a importância da atividade econômica paraguaia em torno da cultura do algodão que ficou abalada no período pós-guerra:

O pós-guerra foi um período crítico para a trajetória de independência econômica do Paraguai. Redução de suas fronteiras, inserção do livre comércio e a adoção do latifúndio. Estão sepultadas as bases de formação de um modelo de desenvolvimento autônomo na América Latina. Toda estrutura existente foi desmantelada, as terras, os bosques, as minas, os prédios das escolas e os ervais. Foi um período de dominação externa, com governos estrangeiros. Logo foi feito o primeiro empréstimo pelos britânicos e se acumularam as dívidas. A indústria têxtil teve um profundo impacto, em função do abandono do cultivo do algodão e da concorrência de Manchester. Era o fim de uma indústria têxtil nacional. (BRITO, 2017, p. 10). Essa produção têxtil paraguaia está ligada à produção de tecidos/tejidos e, em especial, ao poncho e ao objeto deste livro, a Faixa Paraguaia.

Atualmente, a economia do Paraguai está fundamentada na agropecuária, com plantios de cana-de-açúcar, soja, algodão, mandioca, criações de bovinos, suínos e aves. O algodão (*Gossypium hirsutum* L.) configura-se como um dos principais produtos da pauta de exportação, sendo o responsável pela geração de 35% de todas as divisas do país. (RODRIGUES; MIRANDA, 2007, p. 13).

## **1.2 Herança cultural indígena**

A Faixa Paraguaia é um bem de referência cultural no território pantaneiro e faz



parte da vestimenta de peões no Pantanal de Mato Grosso do Sul, para dar sustentação a coluna na lida com o gado e em suas longas cavalgadas. Entretanto, não fica restrita a ela. O pantaneiro, devido à proximidade com o rio, acabou adquirindo esse legado a partir das trocas culturais, sociais e comerciais com o Paraguai que, por sua vez, recebeu essa herança antes da colonização europeia.

Observa-se que os indígenas já produziam uma espécie de Faixa para amarrar à cintura. Uma Faixa sem aplicação de cores, de algodão cru, utilizando-se de uma técnica rudimentar, conforme apontou Margarita Miró, pesquisadora paraguaia, como veremos adiante.

Para iniciar o contexto histórico, recorreremos à produção bibliográfica do país vizinho, Paraguai, uma vez que o Pantanal sofreu forte influência paraguaia desde o final da guerra travada entre Brasil e Paraguai (inicialmente entre Brasil e Paraguai, mas, depois, da Tríplice Aliança – Brasil, Argentina e Uruguai – contra o Paraguai). De acordo com Margarita Miró Ibars (2017), houve três contribuições originárias da artesanaria paraguaia: indígena chaquenha, guarani e espanhola. A primeira estaria relacionada aos indígenas que habitavam a região do chaco paraguaio sob a influência Guarani. Ou seja, havia uma produção artesanal nativa com instrumentos e técnicas próprios.

Já a terceira influência é a espanhola, que se deu com o processo colonizador uma vez que o Paraguai foi colonizado pelos espanhóis. Foram eles os responsáveis por trazer uma nova forma de pensar o artesanato e, de acordo com Miró, introduziram o tear horizontal (usado hoje com adaptações) e as cores na confecção das faixas. Outra contribuição importante desse país europeu foi na lida do gado. No início do século XVIII o Pantanal do Mato Grosso uno, em particular na região sul, tinha a pecuária como atividade econômica em virtude das condições climáticas e ecológicas para reprodução do gado o que favoreceu, inclusive, a instalação de grandes charqueadas.

Quanto à chegada da Faixa Paraguaia em terras brasileiras de fronteira pode-se afirmar que um dos fatores que a justificaria, seria o momento pós-guerra do Paraguai, uma vez que a sua derrota motivou a entrada de expressiva população paraguaia no Brasil. Sabe-se que a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870) provocou mudanças significativas nos âmbitos políticos, econômicos e sociais em todos os países participantes, mas, em especial, no derrotado Paraguai.

Dentre os efeitos da Guerra para esse país está a passagem por um período econômico muito crítico, resultando na evasão dos paraguaios para o lado brasileiro e que aqui fixaram moradia. Observa-se que, além da rota terrestre, a fluvial via Rio Paraguai foi muito utilizada, o que é possível afirmar por documentos que apontam a entrada de paraguaios em Corumbá formando, por sua vez, um



bairro exclusivamente de paraguaios denominado Acampamento de Cima. O mesmo autor traz informações de que fazendeiros brasileiros contratavam trabalhadores paraguaios em fazendas pelo Pantanal no pós-guerra; tal fato demonstra mais uma forma de contato cultural com os paraguaios.

Nesse sentido, o Rio Paraguai que

[...] “anda e que penetra no coração da pátria, indo beijar, depois de percurso quase todo navegável, os mananciais da maior bacia potamográfica do mundo – a do Amazonas<sup>22</sup>” – é um rio que nasce numa das principais chapadas do Planalto Central, precisamente na cordilheira dos Parecis, localizada no oeste de Mato Grosso.

Sua importância não é só como elemento da natureza e como instrumento de intercâmbio político e econômico, mas também como mecanismo de trocas culturais: Se nos tempos coloniais os espanhóis viram o Paraguai como el mejor rio del mundo, Zeferino Pimentel Moreira Freire, presidente da Província de Mato Grosso nos anos de 1843 e 1844, e autor de uma importante Memória Militar, o qualificou, durante o século 19, como uma das grandes estradas móveis do Brasil que parecia “(...) amoldado pela natureza para servir de mar interno, a fim de facilitar nossas comunicações como os vastos sertões, e abrir estes cofres entranhados na terra”. Os relatos dos séculos 18 e 19 evidenciavam, portanto, a importância das conexões internas determinadas pelas vias terrestres ao longo do estuário platino, as razões das questões litigiosas que redundaram na Guerra do Paraguai; as ações sociais, as condições biológicas e os dados geográficos enfim, as circunstâncias e os acontecimentos políticos que envolveram a grande via de integração nacional e internacional.

João Severiano da Fonseca, em Viagem ao redor do Brasil (1880), afirmou que, por volta de 1876, cerca de três a quatro mil paraguayos em meados desse ano, afluíram a ela [Corumbá], acompanhando nossas forças, mandando retirar de Assunção, e que emigraram a maior parte por já estar acostumada a viver da magra etapa dos soldados, e quase todos com receio da liberdade republicana. Assim viu-se de repente a vila com uma população quase dobrada.

O número de paraguaios que se encontravam em Corumbá era significativo considerando que a população naquele período, somada à da Freguezia do Ladário, contabilizava aproximadamente 6 mil habitantes. Esse movimento imigratório favoreceu o intercâmbio cultural, proporcionou trocas e essas trocas fizeram com que a Faixa Paraguaia entrasse em circulação em território brasileiro em momento incerto, não sendo possível afirmar se tal fato ocorreu ainda no final do século XIX ou no século XX. Talvez, a Faixa Paraguaia estivesse sendo confeccionada por indígenas visto serem mestres na arte de tecer redes.

Ademais, os indígenas que habitavam o antigo sul de Mato Grosso eram, entre outras, das etnias Guarani, Ofayé, Caiapó, Guaicuru, Payaguá e Guató.





Há que se considerar ainda outro movimento que impactou na região sul de Mato Grosso: a exploração da erva-mate. A erva-mate – *Ilex paraguariensis* – é uma planta nativa de parte da América do Sul que envolve o sul de Mato Grosso, o noroeste paranaense, o leste do Paraguai e o território de Misiones na Argentina.

Com o término da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), uma comissão de limites percorreu a região ocupada pelos Kaiowá e pelos Guarani, entre o rio Apa, atual Mato Grosso do Sul e o Salto de Sete Quedas, em Guairá, Paraná. Inicia-se na região sul do então estado de Mato Grosso intensa disputa em torno das terras, ricas em ervais nativos. (BRAND, 2010, pp. 113-114).

Da comissão fez parte o empresário Thomaz Larangeira que posteriormente adquiriu a concessão de grande extensão de área territorial para explorar a erva-mate. Ao longo do processo, recebeu apoio da família Murtinho, oligarquia, para conseguir o direito de explorar a erva-mate, o que lhe foi concedido e, por isso, teve como principal sócio a família citada.

Indígenas que se localizavam na fronteira foram expropriados e suas terras monopolizadas pela Companhia Matte Larangeira, truste do mate na região. Adotou-se o regime de trabalho compulsório e migrantes paraguaios foram empregados pelas empresas da região.

Desse modo, no sul de Mato Grosso, a erva-mate foi explorada pela Companhia Matte Larangeira (Sociedade Anônima brasileira criada por Thomaz Larangeira por meio do Decreto nº 436-C, de 04 de julho de 1891) cuja sede ficava na Fazenda Campanário, no município de Dourados, mas que mantinha depósitos no Paraguai, em Villa Concepción, por exemplo, e utilizava vias paraguaias para o transporte da erva-mate.

Tal empresa, além de explorar a erva-mate, explorou a mão de obra dos indígenas Guarani e Kaiowá e de camponeses paraguaios em condições análogas à escravidão. Os indígenas da etnia Guarani eram moradores da região de fronteira do sul de Mato Grosso com o Paraguai e que cultivavam a erva para consumo próprio dominando, dessa forma, a técnica do cultivo e do preparo do tereré que foi sendo repassada.

Embora não tenha sido possível encontrar referências (tanto documental quanto fotográfica) sobre o uso da Faixa Paraguaia na cintura no período em questão (século XIX), tanto da guerra como do pós-guerra, no desenvolvimento dos trabalhos de exploração da erva-mate, é possível inferir que os indígenas a fabricavam em algum momento do século XIX e que esse elemento cultural passou a ser conhecido e usado a partir deste mesmo século.

Resumindo os acontecimentos: no contexto do sul de Mato Grosso tem-se a



guerra da Tríplice Aliança com o Paraguai que possibilitou a imigração e o contato intercultural, seguindo-se, por determinado tempo, um ciclo econômico lucrativo da erva-mate e depois um da pecuária (século XVIII ao XX).

A pecuária, destacando-se como principal atividade econômica no sul de Mato Grosso, resultou na criação de fazendas de gado e na busca de trabalhadores para exercer a profissão de peão ou capataz de fazenda.

### **1.3 A produção da Faixa Pantaneira**

Para a confecção da Faixa Paraguaia/Pantaneira é necessário um bem material que está ligado ao universo da Faixa: o tear. Em nossas pesquisas de campo identificamos dois tipos de teares sendo usados por diferentes grupos que habitam o Pantanal sul-mato-grossense. Destacamos que dentro do Bioma Pantanal, há vários outros pantanais que tiveram seu processo de ocupação diferenciado feito por diferentes grupos sociais e étnicos.

Os povos que habitam o Pantanal se territorializam de diferentes formas simbólicas e materiais neste vasto território, estabelecendo-se variadas formas de relações sociais e mantendo um processo contínuo de contato e trocas culturais há séculos. Contudo, levando-se em consideração esses fatores e buscando entender os relatos coletados em nossas pesquisas de campo, encontramos o uso de duas formas de tear: o vertical (janela) de possível influência dos povos originários da região e o tear horizontal com a influência do país vizinho, o Paraguai.

O modo de fazer e tecer a Faixa Paraguaia no Pantanal incluem técnicas tradicionais no processo de montagem e tecelagem praticada na região. Tanto a faixa quanto o tear utilizado trazem características marcante da cultura paraguaia, introduzida no início do século XX pelos imigrantes, mão de obra utilizada nas fazendas do Pantanal. Essa técnica quase foi esquecida e, portanto, pouco praticada sofreu o risco de extinção pela falta de sua transmissão.

Com intuito de promover o acesso a esse bem imaterial em 2006 foi elaborado o livro Oficinas do Projeto Sapicuá Pantaneiro, cujo o capítulo Faixa Paraguaia foi o primeiro registro elaborado e difundido gratuitamente principalmente na região do pantanal. No esforço de fortalecer as ações de salvaguarda e a transmissão dos saberes tradicionais que compõe a Faixa Paraguaia, em 2022 foi lançado uma série de vídeo aula – FAIXA PARAGUAIA TECENDO NOSSA HISTÓRIA - disponível gratuitamente no site do [www.faixaparaguaia.com.br](http://www.faixaparaguaia.com.br) ou [www.faixapantaneira.com.br](http://www.faixapantaneira.com.br) também em nosso canal do YouTube no link: <https://www.youtube.com/@faixaparaguaia2709>

O tear utilizado no Pantanal como referência para confecção das faixas será o tear horizontal, difundido pelo projeto Sapicuá Pantaneiro. É importante ressaltar



que em 2003 na busca por uma instrutora para as ações de salvaguarda e educação patrimonial proposta pelo projeto, dona Marli Ocampos foi uma das raras artesãs mapeadas com conhecimento e domínio da técnica artesanal de tecer a Faixa Paraguaia/Pantaneira utilizando o tear horizontal presente no Pantanal, conhecimento esse, mantido na família e transmitido por gerações.

No município de Rio de Mato Grosso a confecção da Faixa Paraguaia ou Pantaneira de através de uma curso, proporcionado pela Comunidade Kolping Frei Tomás e o Sebrae tendo Coordenadora Pedagógico do Curso a Sra Claudia Medeiros e as Instrutora Maria Aparecida Amorim e Bruna Medeiros Cordeiro.

A oficina contou com 12 alunos e aconteceu em novembro de 2019 em Comemoração a semana da Cultura Pantaneira, em 2023 mais 02 oficinas foram realizadas no sentido de profissionalizar novas artesãs para a confecção da Faixa Pantaneira em Rio Verde de MT.

A Cidade de Rio Verde de MT de MS, desde de então tem adorado a Faixa Pantaneira, a exemplo de artesão e artesã, a faixa esta presente nas festividades. Podemos afirmar que o rioverdense tem para si o sentimento de pertencimento de uma cultura que estava se perdendo por falta de conhecimento da técnica da confecção da Faixa Panteira. É importante destacar os esforços para na difusão da faixa. A exemplo da Empresa Inspiraê que adotou a faixa como inovação de seus produtos. Atualmente a faixa exerce a função também de gerar oportunidades de emprego e renda para inúmeros artesão que fazer deste fazer artesão sua renda familiar contribuindo diretamente para fixação e difusão deste saber no município de Rio Verde de MT – MS.

A propositura de fazer o Registro da Faixa Pantaneira como Patrimônio Imaterial de Rio Verde, é para garantir que esse ícone da cultura pantaneira seja preservado e valorizado como prática artesanal e cultural, fortalecendo assim a memória e o legado cultural do município. A valorização do **patrimônio histórico cultural imaterial** é a valorização da identidade que molda as pessoas. Por isso, **preservar** as paisagens, as obras de arte, as festas populares, a culinária, os costumes, o jeito de fazer ou qualquer outro elemento **cultural** de um povo, é manter a identidade desse povo.

**Sala das Sessões, 03 de setembro de 2024.**

---

Lidiane Farias de Souza  
vereadora





Cleismaira Paes de S. Milléo  
vereadora

Amauri Olartechea  
vereador

José Odorico de O. Almeida  
vereador

Nivaldo Henrique P. Almeida  
vereador

José Alves Pimenta Neto  
vereador

Ildeslane Dimeira Rosa Reis  
vereadora

Emerson Alves Flores  
vereador

Joanes Pimentel Vieira  
vereador

Carlos da Rocha Pontes  
vereador

Flavio Roberto A. de Brito